

---

**A Luta de Classes na Grécia**

---

Nicos Zagorakis

---

A Grécia vem sendo palco de lutas sociais intensas que tem como ponto forte as manifestações. Estas manifestações abrem possibilidades de desenvolvimento das lutas através de formas mais intensas e profundas, indo ao cerne do processo de produção através de greves gerais e ampliação da consciência revolucionária nos setores mais avançados do proletariado, da juventude e do lumpemproletariado, entre outros. O processo de radicalização tendencial existente pode ser reforçado com nossa ação no presente, com a existência de agrupamentos revolucionários e alguns próximos ao conselhismo e autonomistas radicalizados, que ainda são relativamente incipientes em suas reflexões e ações.

Para que esta luta, que tende a se transformar em luta revolucionária, mesmo que seja a longo prazo e depois de avanços e recuos, derrotas e vitórias, fosse agilizada e também tivesse maior possibilidade de êxito, seria necessária uma reflexão teórica mais profunda e consolidada e coletivos voltados para uma concepção de autogestão revolucionária preparando ações nesse sentido. Estes dois elementos seriam fundamentais para a constituição de um bloco de forças revolucionárias que podem impulsionar a luta contra o Estado e o capital, avançar a hegemonia proletária, e tornar mais próxima a tão sonhada emancipação humana, tão distante e tão perto.

Curiosamente, temos notícias que a reflexão teórica e formação de coletivos esquerdistas inspirados no comunismo de conselhos e no projeto autogestionário são um processo em pleno vapor e que está se ampliando e rendendo excelentes frutos na América Latina, especialmente no Brasil, e em outros países, como na Europa. Na Grécia, esse processo ainda é incipiente apesar de suas lutas serem bem mais radicais do que a de outros países. Aí notamos o que denomino “discrepância teoria-prática”. Essa discrepância ocorre quando a prática revolucionária ou pelo menos de revolta social se

intensifica e a teoria (e a hegemonia proletária) ainda fica aquém das lutas travadas e mais ainda de suas possibilidades ou então quando a teoria avança enormemente em quantidade e qualidade sem ter como base uma grande mobilização social ou proletária. A tendência é de unidade teoria-prática em períodos revolucionários ou pré-revolucionários e a discrepância é a tendência em períodos não revolucionários.

Porém, em períodos não-revolucionários, o avanço teórico é e sempre será quantitativamente pequeno bem como a existência de coletivos e forças revolucionárias de caráter proletário, no sentido autêntico do termo, ou seja, autogestionário. Existem as tendências radicais que mantêm coerência, mas muitos cedem ao encanto do obreirismo ou o flerte com o reformismo e bolchevismo. É a época em que as ambiguidades e ecletismos se tornam mais sedutores e dominantes. Essas tendências e alguns indivíduos conseguem avançar em desconexão com a baixa radicalidade das lutas. Sua existência, no entanto, pode impulsionar e fortalecer setores de luta que, numa maré ascendente das lutas de classes, pode reforçar e ter efeitos sobre os acontecimentos e desenrolar das lutas, já que produzem concepções e influenciam indivíduos no sentido de assumir posições estratégicas e adequadas ao objetivo revolucionário.

Essa é uma das inúmeras determinações das lutas de classes e assim há um papel do grupo revolucionário no processo da revolução social, que não lhe constitui como vanguarda dirigente mas como movimento tendencial que está unificado com as mais belas aspirações humanas de libertação total, proporcionando o reforço desta tendência. Porém, devido ao contexto das lutas, pode cair no imobilismo, deixar de existir, desmotivar. O ponto forte e que permite a permanência dessa *práxis* revolucionária é um poderoso arsenal teórico, que já existe na tradição revolucionária de Marx, Pannekoek, Korsch e vários outros, que, no entanto, precisa atualização e renovação crítica, precisa de polemistas sobre as questões atuais, ou seja, de novos grandes teóricos da época e de novos polemistas e ativistas intelectuais no combate permanente contra as ideologias produzidas pela classe dominante e seus aliados no mundo da intelectualidade e das instituições burocráticas, especialmente os partidos considerados equivocadamente de “esquerda”, sejam autodenominados “socialistas” ou

“comunistas” e mesmo as figuras equivocadas da esquerda extraparlamentar, os ecletismos e reprodução de ideologias ao lado da teoria revolucionária.

O avanço das lutas de classes na Grécia atualmente apresenta um outro caso de discrepância teoria-prática, que reside no fato de que a prática de revolta social ou revolucionária, que deveria ser um forte impulsionador de teoria revolucionária (além da consciência cotidiana revolucionária) não surtiu ainda grandes efeitos. Sem dúvida, este desenvolvimento teórico tende a ser atrasado em relação ao movimento real, mas a questão é que não há sequer esboços neste sentido. Daí a árdua tarefa que nos cabe hoje na Grécia. Além desta tarefa, também é preciso entender suas causas para poder melhor agir e intervir para superar esta situação.

Um dos motivos da revolta social na Grécia ainda não ter dados frutos teóricos reside no conservadorismo acadêmico dos intelectuais, aliados naturais do sistema de poder e na pouca cultura revolucionária nos meios universitários. Somado a isso falta, no caso grego, pensadores autogestionários de peso e produção teórica para servirem de primeira referência e indicador de leituras e tradições revolucionárias, o que provoca um problema sério na produção intelectual contestadora. A falta de vínculo entre movimentos sociais e agrupamentos com produção intelectual e falta de intelectuais ativistas ou ligados organicamente a tais agrupamentos/movimentos é outra razão do atual estado de coisas. Não digo intelectuais que atuem diretamente com os movimentos e agrupamentos, algo raro e que depende de muitos fatores, e sim que tenham uma preocupação revolucionária, mesmo que meramente “teórica”. Porém, se sabemos disso, já demos um passo. Denunciar isso é outro passo. Contribuir, de forma mais restrita ou mais ampla para superar isso é um terceiro passo e mais importante. Isto pode ser feito pressionando os intelectuais, chamado-os para o debate, produzindo novos intelectuais engajados, realizando produções intelectuais mesmo que incipientes para provocar o debate e o aprofundamento. Incentivar todos os indivíduos a produzirem cultura revolucionária além da mera prática. Se isso se realizar, a tendência será da discrepância reduzir e se criar uma cultura revolucionária que tende a fortalecer a luta e ampliar sua potencialidade revolucionária, reforçando reciprocamente a cultura e teoria revolucionárias.

Seria necessário um vínculo entre as posições mais avançadas, uma articulação que precisa de caminhos, estratégias, explicações, teoria. Assim, o papel da teoria e da produção intelectual é fornecer subsídios, ferramentas, para que o proletariado e os demais grupos sociais atuem no sentido da revolução social autogestionária. Uma análise do atual movimento de protesto social é interessante para aprofundarmos neste contexto.

A ascensão das lutas de classes na Grécia tem várias determinações. Sem dúvida, esse processo é mundial, basta ver o caso do México, Argentina, França, Bélgica. Há variações, níveis de radicalidade, avanços e recuos, como todo processo social, mas de qualquer forma há uma agitação pré-revolucionária em vários países e desenvolvimento de lutas sociais mais incipientes em outras que tendem a assumir um caráter mais amplo e radical. No bojo disso tudo, o caso grego tem suas especificidades e suas determinações próprias. Aparentemente, o que desencadeia a mobilização popular é a repressão policial. O assassinato de Alexis Grigoropoulos pela polícia em 06 de dezembro de 2008 foi apenas o detonador de um processo de contestação que tomou conta das ruas em Atenas, Patras, Larissa, Iráclio, Salônica, entre outras cidades.

Assassinatos realizados por policiais é um fenômeno relativamente comum em todos os países e não é diferente na Grécia, que conta com muitos casos de assassinatos e torturas de imigrantes e manifestantes. O caso de Alexis Grigoropoulos só pode ser o detonador da revolta social por já existir um conjunto de elementos que promoviam insatisfação e vontade de agir. É preciso perceber que o aumento da exploração dos trabalhadores na Grécia ligada ao processo de acumulação capitalista em sua nova fase, a neoliberal, o que provoca decomposição de direitos trabalhistas, precarização, terceirização. As reformas neoliberais no sistema educacional também motivaram forte descontentamento e manifestações duramente reprimidas há alguns anos atrás, bem como a falta de expectativa de um futuro razoável após o término dos estudos universitários. A crise financeira apenas agravou a situação e se já existia uma tendência à radicalização de determinados setores, isso foi intensificado. Além disso, a incapacidade estatal e da democracia burguesa de canalizar o potencial contestador, devido sua falta de credibilidade e legitimidade proporciona um *quantum* elevado de

insatisfação aliado a impossibilidade dela se manifestar. Quando isso ocorre, há um “transbordamento de violência popular”.

As forças conservadoras perdem espaço, as forças reformistas se omitem ou ficam perdidas, ou, ainda, se aliam aos conservadores. A falsa esquerda revolucionária tenta canalizar eleitoralmente ou politicamente o movimento espontâneo de jovens e trabalhadores, e encontram como único adversário as forças revolucionárias expressas principalmente pelos incipientes grupos esquerdistas e anarquistas. As forças da falsa esquerda revolucionária acusam o movimento de ser despolitizado, pois a única política que conhecem é a eleitoral, partidária ou estatal. O movimento é politizado, só que partindo de outra política e, apesar de não possuir estratégias adequadas, teorias que ajudariam na sua elaboração, um nível de consciência elevado, é possível notar setores em que esse processo se manifesta, desde indivíduos a grupos, o que permite pensarmos na possibilidade de uma retomada da unidade teoria-prática com o próprio desdobramento da luta e de nossa luta atual, no sentido da crítica revolucionária e da articulação das forças revolucionárias para conseguir promover uma hegemonia proletária no movimento que assim assumiria um caráter revolucionário. A propaganda revolucionária, a produção teórica, articulação das forças revolucionárias, a chamada para a greve geral, são elementos importantes para reforçar esta tendência revolucionária.